

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SER MULHER E DO SER MÃE ENTRE MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Vanessa Erlo Fabro¹

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo analisar as representações sociais do “ser mulher” e do “ser mãe” para mulheres contemporâneas, de diferentes gerações. Participaram do estudo 60 mulheres, com faixa-etária de 18 a 74 anos, as quais foram distribuídas em três grupos: Grupo A: 18 a 30 anos (20 participantes); Grupo B: 31 a 50 anos (20 participantes); Grupo C: 51 a 80 anos (20 participantes). A maioria das respondentes eram mulheres de classe média, da Região Sul do Brasil. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário online, com perguntas abertas e fechadas. A análise de dados textuais foi realizada com o auxílio do software IRAMUTEQ e os dados quantitativos com auxílio do software JAMOVI. Como resultado, constatou-se que a representação social das participantes sobre o “ser mulher” está organizada a partir da palavra “guerreira” e a representação social do “ser mãe” se organiza no termo “amor”. A análise das respostas demonstrou não haver diferenças nos elementos representacionais entre as mulheres de diferentes faixas etárias. Por se organizarem entorno de elementos semelhantes, as representações sociais sobre o “ser mulher” e “ser mãe” podem ser interpretadas como representações hegemônicas e emancipadas, revelando que estas são elaboradas a partir da esfera transubjetiva. Isso sugere que o grupo de mulheres analisado nessa pesquisa se reconhece para além da consciência individual, a partir da manutenção de representações e práticas estabelecidas a partir da cultura. Esse estudo revela a necessidade de se escutar o que as mulheres pensam sobre si mesmas, para que a naturalização imposta sobre seu gênero seja questionada, oportunizando ao sujeito mulher manifestar seu real desejo de atuar no mundo, de forma a vivenciar sua subjetividade.

Palavras-chave: maternidade; mulheres; representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano que nasce caracterizado biologicamente/filogeneticamente como um corpo de mulher, já na concepção, é atravessado por conceitos, ideias, expectativas diante dessa constituição física, a qual provavelmente possuirá um órgão que é capaz de gerar outra vida e assim manter a continuidade da espécie humana. Já na anunciação da chegada de um bebê identificado como de sexo feminino, muitas são as idealizações criadas sobre esse corpo que poderá gerar um outro. Será que as mulheres de diferentes gerações percebem os

¹ ¹ Acadêmica do curso Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: vanessaerlo27@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2021. Orientador: Prof. Anderson da Silveira. Mestre em Psicologia pelo PPGP/UFSC. Professor do Curso de Psicologia na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

atravessamentos culturais, com seus valores e normas em suas constituições subjetivas? E quando então, a sina de gerar uma outra vida se faz, ganhando uma nova intitulação social de “mãe”, como esse sujeito passa a se reconhecer? Em que medida as representações sociais sobre o ser mulher e o ser mãe, compartilhadas em nossa sociedade diferem-se ao longo da história? E, como estas diferenças podem conduzir as noções de ser mulher e ser mãe para mulheres de diferentes gerações?

No decorrer da história o indivíduo mulher foi apresentado quanto ser no mundo da cultura por diversas simbolizações, que vão do extremo da eterna pecadora ao ser divino, do ser inferior que foi feito da parte do corpo de um homem ao único ser que permite a esse homem ser gerado. Em Perrot (2006), a mulher era revelada pelo cristianismo, no Antigo Testamento da Bíblia, livro sagrado dessa religião, como a origem do mal e detentora das forças noturnas, em oposição ao homem que era a representação do dia e da razão. Já no Novo Testamento desse mesmo livro, a mulher é representada pela imagem imaculada de Mãe Maria, a virgem mulher que dá à luz ao esperado Messias. Maria simboliza uma nova Eva, a mãe de Deus, pura, santa e a mãe do Redentor da humanidade.

Em uma análise na linha do tempo pela cultura grega, temos o Mito de Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, cuja identidade foi construída sobre o poder de sedução, dissimulação, desobediência, mas também entendida como uma criatura dotada de todas as qualidades divinas e guardadora da esperança para os males do mundo. Já na cultura nômade e pagã, acreditava-se que a mulher era dotada de magia, sendo representada como habitação das forças obscuras da terra, guardiã do mistério da fecundidade e detentora do poder de jorrar dos campos os alimentos (BEAVOUIR, 1949/2009a).

Diante da constituição de uma sociedade patriarcal, como organização social na qual, as mulheres e os jovens estão subordinadas aos homens (NARVAZ; KOLLER, 2006), as mulheres são silenciadas. Perrot (2005) descreve que as mulheres do século XIX existiam na sombra do gineceu, do convento ou do lar. Entre os séculos XVIII e XIX, com a Revolução Industrial que acelerou a ascensão do sistema econômico capitalista, a mulher passou a ser requisitada para o trabalho na produção fabril. Era instigado a divisão sexual do trabalho, como aponta Macêdo e Macedo (2004) relatando a participação das mulheres na força de trabalho, porém eram vistas como sujeitos inferiorizados, domésticas e submissas; contratadas com valores menores que os homens, lhes exigindo jornadas de trabalhos insalubres e excessivas.

Diante dessa desigualdade vivenciada socialmente no decurso da história, só recentemente é que as mulheres passaram a se organizar em movimentos sociopolítico-

filosóficos, tais como o feminismo, reivindicando os direitos e a liberdade das mulheres sobre suas escolhas e corpos, tendo origem no pensamento iluminista dos séculos XVIII e XIX. O feminismo foi impulsionado por dois grandes eventos. O primeiro aconteceu na América, marcado pelo ato de queimar soutiens em praça pública, liderado pela ativista Betty Friedan. O segundo evento ocorreu na França, inspirado pela professora e escritora Simone de Beauvoir (1908/1986), sustentando o pensamento de viver as diferenças na igualdade (MACÊDO; MACEDO, 2004), conjuminando na grande reivindicação do direito ao voto. Uma segunda onda do feminismo aconteceu, em meados dos anos de 1980 e 1990, de forma mais intelectual, em que foram relatados fatos para denunciar a vida das mulheres, obras e relatos escritos na primeira pessoa dando visibilidade para o que estava oculto em suas vidas, gerando espaço para discussões e produções textuais (DUTRA; NUNES, 2015).

No Brasil, o movimento foi liderado no ano de 1910, pela bióloga Bertha Lutz, que iniciou a luta pelo voto, direito esse que foi conquistado em 1932. O movimento perde força e vem ressurgir na década de 1970, em um cenário de regime militar, sendo que em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declara a “década da mulher”. Já em 1984 é criado o Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), que resultou na garantia dos direitos da mulher no mundo pela Constituição de 1988. (PINTO, 2010)

Contemplando esses novos lugares que o sujeito mulher vem construindo até a sociedade contemporânea, faz-se necessário lembrar no curso da história, as nuances da travessia do ser mulher quando ela vivencia o fenômeno da maternidade, bem como as diversas atuações do ser mãe em diferentes culturas. Segundo Badinter (1985), a mulher era desvalorizada do ponto de vista metafísico, pois atua como o princípio negativo, contrariamente ao homem, que é sinônimo de inteligência ativa, tendo por único mérito: ser um ventre de qualidade, que suporta as dores do parto como uma forma de pagamento diante da figura da eterna pecadora da humanidade. Pode-se compreender que a maternidade não era uma escolha desse sujeito mulher nos tempos remotos, sendo muitas vezes entendido como uma condenação.

Durante a Idade Média na Europa Ocidental, a mulher, no nascimento do seu filho, entregava-o a uma ama de leite para que o amamentasse, vindo a ser criado até os oito anos de idade pelos camponeses e outras famílias, retornando ao lar somente depois para exercer as atividades junto aos adultos. Como relata Gradwohl *et al.* (2014), as mulheres e as crianças ocupavam um lugar de pouca importância, subordinados ao homem que transformavam as

crianças em pequenos adultos na idade infantil, vindo a impedir a criação do vínculo de afeto entre mãe e filho.

Somente a partir dos séculos XVII e XIX que na Europa se estimula a ideia do amor natural e espontâneo da mulher para com seus filhos. Com o desenvolvimento do sistema capitalista, a noção de privacidade da família e o alto índice de mortalidade infantil, a criança que era criada fora de seu lar natural, passa a ser responsabilidade dos pais, consolidando a diferenciação de papéis sociais (GRADVOHL *et al.*, 2014). O surgimento na medicina da área da ginecologia, no século XIX, determinou a ideia de que o corpo da mulher foi feito para a maternidade, estimulando a criação de um novo lugar do sujeito mãe na sociedade. No século XIX o sujeito mulher passa a ser valorizado quando se torna sujeito mãe, sendo estimulada a maternidade na sociedade privada, privando-se de sua vida subjetiva, passando a servir seus filhos e família (RESENDE, 2017).

Foi na I Conferência Mundial de Direitos Humanos, no ano de 1968, que assegurou-se o direito à mulher de escolher ser mãe, bem como o exercício pleno de sua escolha perante a sociedade (TONELLI, 2004). No final do século XX, o uso da pílula anticoncepcional concedeu às mulheres a possibilidade de controlar seu ciclo reprodutivo de forma mais segura, bem como a oportunidade de criar vínculos mais íntimos e desenvolver afetos para com seus filhos, diminuindo a quantidade de gestações e criando tempo de qualidade para com os seus, incluindo o estímulo ao aleitamento materno.

O fenômeno da maternidade compreendido atualmente, pressupõe uma construção relacional dos cuidadores com a criança, e não um sentimento inato do sujeito mulher que deve assumir os cuidados sozinha dessa prole. A autora Scavone (2001) realiza uma reflexão sociológica das mudanças mais marcantes nos padrões e experiências da maternidade contemporânea, que constata uma possível permanência de um modelo de maternidade, no qual surge a responsabilidade parental.

Os trabalhos e conquistas do sujeito mulher/mãe estimula o surgimento da discussão de gênero através dos movimentos feministas, na segunda metade do século XX, elucidando que os seres humanos são diferentes na questão sexual, em sua formação biológica, as quais não definem suas emoções, sentimentos e comportamentos, como aponta Strey (2013), referindo-se que as diferenças de gênero são socialmente construídas, nas diferentes sociedades e épocas. Essa epistemologia de gênero cria uma nova cultura para romper com a bipolaridade das identidades sexuais e permitir o ser humano se apropriar de sua subjetividade,

independentemente do seu sexo biológico, resultando em uma nova organização social mais justa e universal.

Para uma maior compreensão das relações sociais modernas diante da temática levantada nessa pesquisa, faz-se necessário o apontamento das teorias do filósofo e psicólogo Michel Foucault (1926-1984), acerca da constituição dos sujeitos nas relações de produção do conhecimento e poder. Foucault defendia a ideia de que o poder não é uma substância, é algo que se exerce, tendo sempre dois polos, o dominante e o dominado, em uma dinâmica de reciprocidade. A esse fenômeno deu o nome de microfísica do poder, o qual se espalha por todo o tecido social e não se centraliza em alguns determinados grupos, sendo ato, não transferido, e sim exercido, praticado e intrínseco às relações sociais (DINIZ; OLIVEIRA, 2014). Um discurso de poder que ultrapassa a linha do tempo de uma sociedade patriarcal na qual, o mais forte estabelece um regime de verdade, impedindo atuações que se afastem do “normal” estabelecido.

Perante o exposto, o sujeito mulher é condicionado em suas ações na objetificação criada pelas representações sociais de classificação hegemônicas que “designam formas de conhecimento largamente compartilhadas, sendo coercitivas, de cunho dominante” (RANGEL BATISTA; BONOMO, 2016, p. 93), levando esses seres a produzirem árduos e constantes trabalhos ao longo da história para desconstruir essas cristalizações e assumirem seus processos de subjetivação. Na atualidade, o poder judiciário brasileiro sancionou leis que contribuem para esse processo de individualização, manutenção da qualidade de vida e dos direitos do ser mulher, tais como: Lei nº 9.504/1997 (BRASIL, 1997), garantindo a reserva de no mínimo, 30% de mulheres candidatas ao parlamento; Lei nº 11.340/2006 (BRASIL, 2006) da Maria da Penha que coíbe a violência doméstica contra mulheres; Lei nº 13104/2015 (BRASIL, 2015) do Femicídio.

Ademais, em um mundo globalizado e tecnológico, a comunicação pela linguagem se amplia através da mídia e das redes sociais, oportunizando ao sujeito um empoderado através do seu discurso, como relata Vieira (2005, p.215) “no ciberespaço, nasce um indivíduo que não é fruto do determinismo histórico [...] Cada usuário define a identidade, o gênero, a personalidade por meio de construções discursivas que pode ou não corresponder à realidade física”. Em oposição a esse fenômeno, Zorzán e Chagas (2011) elucidam que a mídia atual, regida pelo sistema capitalista com sua máxima de gerar a necessidade de consumo, dissemina uma construção da imagem do ser mulher pautada na conquista dos corpos perfeitos, reduzindo-

o como um objeto de desejo, um corpo a ser olhado, desautorizando esse sujeito na expressão de suas potencialidades intelectuais e políticas.

Nessa transição histórica, o ser mulher se encontra em meio a um grande dilema: investir seu tempo em qualificação profissional para conquistar espaços igualitários no mercado de trabalho; ou investir o seu tempo para os cuidados da sua casa e desenvolvimento das competências de sua família; ou ainda, escolher pelos dois caminhos e sobrecarregar-se a fim de atender as demandas que esse tempo sugere como um ideal a ser vivido, desempenhando suas funções com perfeição.

Nessa passagem pela linha do tempo do “ser mulher” e do “ser mãe”, percebe-se que o sociopolítico, as culturas e a forma de organização das sociedades influenciam esses sujeitos, gerando novas imagens, roupagens e possibilidades de ser no mundo. Como forma de estudar e compreender melhor esses fenômenos que constituem o ser humano, usaremos a perspectiva Teórica das Representações Sociais (TRS), elaborada pelo psicólogo social Serge Moscovici, nascida na obra “*La Psycanalyse son image et son public*”, publicada na França no ano de 1961. Moscovici (1961/2012a, p. 80) faz a alusão ao desejo de lembrar que a Psicologia Social “teria vantagens em incluir no seu campo de estudo, a par dos comportamentos, os conhecimentos que os indivíduos e os grupos possuem e utilizam a respeito da sociedade, dos outros, do mundo e também, a organização específica desse conhecimento.”

A teoria das representações sociais (TRS) proposta por Serge Moscovici (1961) parte do estudo das representações coletivas (RC) criada pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917), trazendo uma modificação do termo coletivo para o termo social em detrimento do entendimento de Durkheim sobre as estruturas das representações coletivas serem inflexíveis e irredutíveis, fundamentadas em tradições imutáveis nas sociedades primitivas, para um caráter dinâmico e flexível das representações sociais, em que o sujeito é ativo nessa construção mediante as sociedades contemporâneas (OLIVEIRA; BERTONI, 2019).

A Teoria das Representações Sociais se propaga juntamente com a discussão de gênero, encabeçado pelo movimento feminista, ambos propondo estabelecer relação entre o objeto e o seu contexto (ARRUDA, 2002), validando a importância da experiência subjetiva. Tais movimentos e discussões geram possibilidades para a dissociação da imagem da mulher vinculada ao feminino em uma dimensão normativa de gênero, compreendendo que o ser transcende a imanência da matéria. O questionamento das associações do ser mulher e do ser mãe exclusivamente ao biológico gera o acolhimento do sujeito mulher e mãe trans, gay e

lésbica, podendo esses indivíduos se expressarem no mundo, contrapondo os lugares simbólicos revelados na linha do tempo.

No desenvolvimento das representações sociais gerou-se distintas abordagens destacando aspectos diversos, mas que se complementam, sendo as três principais: abordagem dimensional, a abordagem dinâmica e a abordagem estrutural, que como o nome já aponta, estuda as estruturas que formam as representações sociais, organizando-as em núcleo central e periférico (JUSTO, 2012). Quando os grupos se deparam com um fenômeno “não-familiar”, costumam se sentir ameaçados, pois o novo – seja um objeto, ideia ou um evento – pode colocar em risco a estabilidade do grupo. Isto posto, esse novo que se apresenta, terá que ser compatível com seus valores, normas e conhecimentos (SILVEIRA, 2019). Diante do procedimento de transformar o “não-familiar” em familiar, são criados os conceitos centrais da TRS: ancoragem e a objetificação, processos que explicam como as representações sociais se originaram, sendo esses conceitos simultâneos e dinâmicos entre si.

Para essa pesquisa que tem por objetivo analisar as representações sociais entre os sujeitos mulheres, de diferentes gerações na atualidade, concebe-se o entendimento da abordagem estrutural, proposta pelo psicólogo social francês Jean-Claude Abric no ano de 1976, possibilitando uma análise da coesão dos grupos na história de vida de cada pessoa, bem como gerar uma análise dos núcleos centrais e periféricos das representações sociais. (SÁ, 1996)

Na abordagem estrutural, compreende-se que o núcleo central traz a consigna de identificar os elementos de maior relevância comparados a outros, apresentando as seguintes características: “é marcado pela memória coletiva [...]; define a homogeneidade do grupo social [...]; é resistente à mudança [...]; é insensível ao contexto social e material imediato no qual a representação se manifesta” (SÁ, 1996, p.22). Portanto, o núcleo central determina a representação, contribuindo para a permanência dos princípios normativos e convicções de um determinado grupo.

Por sistema periférico, entende-se as mudanças que ocorrem no cotidiano, modificações resultantes das experiências pessoais com o objeto, mas que não remodelam o núcleo central. O sistema periférico apresenta as características: “permite a integração das experiências e histórias individuais; suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições: é evolutivo e sensível ao contexto imediato.” (SÁ, 1996, p. 22)

A partir do que foi apresentado até o momento, compreende-se que o núcleo central é constituído por elementos que dão estabilidade às representações sociais, influenciando o modo

como a realidade é percebida e compartilhada por pessoas de determinados grupos. Sabe-se que ao ter seus elementos modificados existe a alteração da representação do objeto. Logo, considera-se importante investigar quais os elementos das representações sociais que as mulheres contemporâneas, de diferentes gerações compartilham sobre o “ser mulher” e o “ser mãe”. Espera-se que os resultados desse estudo possibilitem a criação de mecanismos para o enfrentamento das desigualdades de gênero e geração de conhecimento para o estabelecimento de relações sociais que respeitem as diferentes formas de ser mulher.

2 MÉTODO

Essa pesquisa é um estudo de corte transversal, em que “os dados são coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento” (RICHARDSON, 1999, p. 148). Tratou-se de um estudo descritivo, uma vez que se procurou observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os dados coletados juntos as participantes. (SANTOS *et al.*, 2015)

De natureza qualitativa, pois focou na interpretação de dados subjetivos, oriundos das crenças e opiniões das participantes (SANTOS *et al.*, 2015), tendo um foco “no significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida” (PEREIRA *et al.*, 2018, p. 67). Utilizou-se de um questionário com perguntas abertas e fechadas. O estudo foi realizado por um delineamento de levantamento, não-probabilístico, sendo essa pesquisa a mais adequada para estudos descritivos, visando “questionar diretamente o efeito do objeto da pesquisa na população que se pretende estudar” (PRAÇA, 2015, p. 83).

Participaram do estudo 60 mulheres, com faixa-etária de 18 a 74 anos ($M=41,7$ e $DP=17,2$), as quais foram distribuídas em três grupos:

- Grupo A: 18 a 30 anos (20 participantes);
- Grupo B: 31 a 50 anos (20 participantes);
- Grupo C: 51 a 80 anos (20 participantes).

Acerca do estado civil, 30 participantes informaram serem casadas ou em união estável, 19 participantes informaram estarem solteiras, 8 participantes referiram estarem divorciadas e 3 viúvas. No total de participantes, 32 indicaram possuírem filhos, sendo que 13 possuem 1 filho, 13 possuem 2, e 4 participantes têm 3 e 4 têm 4 filhos. Em relação ao local de moradia, a maior parte das participantes ($n=36$) indicaram residência no Rio Grande do Sul, 21 informaram que moram em Santa Catarina, 2 no Paraná e 1 no Rio de Janeiro.

Com relação à escolaridade das participantes, a maior parte (n=38) possuem ensino superior completo. Destas, 20 informaram possuírem curso de pós-graduação ou mestrado completo. Ainda sobre o grau de escolaridade, 10 participantes informaram ensino superior incompleto, 8 possuem ensino médio completo, 3 ensino médio incompleto e 1 ensino fundamental incompleto. Quanto à religião, a maior parte das participantes (n=23) se consideram católicas, 11 participantes se disseram espiritualistas, 8 espíritas, 8 Evangélicas e as demais (n=10) participantes informaram pertencer a outras religiões.

Em relação ao nível socioeconômico, 25 participantes indicaram receberem mais de 5 salários mínimos, 11 participantes indicaram receberem entre 4 e 5 salários mínimos, 9 participantes disseram receber entre 3 e 4 salários mínimos, 6 participantes recebem entre 2 a 3 salários mínimos, outras 4 participantes indicaram receberem 1 salário mínimo, e por fim, 4 participantes recebem de 1 a 2 salários mínimos.

Referindo-se à orientação sexual das participantes, 55 disseram serem heterossexuais, 4 bissexuais e 1 optou por não responder à questão. Relativo a posição política, 23 apontaram não possuírem interesse sobre o assunto, 15 disseram serem de partidos da direita, 14 de partidos de esquerda e 6 de centro.

A divulgação da pesquisa aconteceu via aplicativo de mensagens, para mulheres da rede social da pesquisadora. O contato com as participantes realizou-se de forma individualizada, com a confecção de um folder de divulgação informativo, produzido pela pesquisadora, que expôs os objetivos da pesquisa, incluindo o link que direcionou a participante ao questionário online. O questionário foi enviado para 80 mulheres, das quais 74 responderam, vindo a ser selecionadas 20 mulheres para cada faixa etária. A seleção das participantes teve como critério de inclusão mulheres cisgênero², bem como, mulheres com qualquer estado civil, classe social, religião, profissão, grau de escolaridade, ter exercido ou não a maternidade.

As participantes tiveram acesso às informações sobre a pesquisa e ao Termo de Consentimento Livre Esclarecimento (TCLE) no próprio questionário online. Enfatizou-se que a participação na pesquisa era de forma voluntária e anônima, e o questionário foi respondido em média de 15 minutos.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário online auto administrável elaborado pela pesquisadora a partir dos objetivos da pesquisa, com perguntas abertas e fechadas. A plataforma utilizada para disponibilizar o questionário da pesquisa foi a *Google Forms*. O questionário foi composto da seguinte estrutura:

² Sujeitos que nasceram com genitália feminina e se identificam seu sexo biológico (CAMPOS, 2019)

a) Texto introdutório esclarecendo a proposta da pesquisa, onde esteve disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido seguido do item de registro para a indicação se a participante compreendeu a proposta do estudo e estava de acordo em participar da pesquisa.

b) Ao confirmar sua participação na pesquisa, as participantes tiveram acesso ao questionário do estudo, composto de 14 itens organizados a partir dos objetivos específicos da pesquisa, tais como duas questões abertas com evocação livre de palavras com o objetivo de identificar palavras/termos que significam o que é ser mulher e ser mãe para as participantes; perguntas fechadas de múltipla escolha para selecionar qual é a imagem que representa a mulher para as participantes; saber se as participantes acham que as mulheres possuem os mesmos direitos que os homens na sociedade contemporânea; saber como que a mulher que escolhe por não gerar filhos é vista pela sociedade; saber se na opinião das participantes, toda mulher tem o compromisso de gerar um filho e se a mulher contemporânea escolhe abdicar ou não de sua carreira profissional para ser mãe ou escolhe vivenciar as duas experiências juntas. Perguntas fechadas com a possibilidade de escolha de mais de uma opção para caracterizar o ser mulher e o ser mãe. Duas perguntas abertas para explicar a escolha do primeiro termo escolhido que significa o ser mulher e o ser mãe, bem como definir o ser mulher e o ser mãe em uma imagem ou frase. E 10 itens para a caracterização das participantes (questionário sociodemográfico), totalizando 24 itens. As imagens e palavras usadas no questionário foram selecionadas aleatoriamente, criando uma lista ampla que contemplasse as diversidades.

c) Na última tela, foi exibido o agradecimento pela participação e um item de cadastro de e-mail aos participantes que desejaram receber a devolutiva dos resultados do estudo.

Quanto aos preceitos éticos, essa pesquisa foi realizada dentro da Resolução 466/12 e Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012/2016). O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e recebeu a aprovação por meio do parecer 4.903.640.

Os dados coletados por meio do questionário *online* foram exportados para uma planilha no Microsoft Excel para realizar o tratamento e análise. Os dados textuais das quatro perguntas abertas, foram analisados com o auxílio do software livre IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que conforme Camargo e Justo (2013, p. 515) “organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara”. Por meio do IRAMUTEQ foi possível elaborar uma análise de similitude, que identifica as co-ocorrências entre as palavras, revelando as conexidades entre elas, resultando no reconhecimento da estrutura do conteúdo de uma matriz

de evocação (Camargo, 2020, p.96), bem como a análise prototípica que se refere a uma técnica que constata a relevância dos elementos de significação gerada por um objeto ou fenômeno (Camargo, 2020, p.94) e a nuvem de palavras que é um diagrama que dispõe os termos usados com maior frequência, os quais são lematizados³ e expostos no tamanho de fonte maior para verificar e evidenciar os elementos das representações sociais contidas nas respostas coletadas e suas possíveis relações com as distribuições das faixas etárias das participantes.

Para análise das questões fechadas e dos itens do questionário sociodemográfico utilizou-se o software JAMOVI. Esse programa permitiu realizar os procedimentos de estatística descritiva (medidas de tendência central de frequências) além da organização de tabelas a partir dos dados coletados.

3 RESULTADOS

A seguir será apresentada uma síntese dos resultados a partir da coleta dos dados, através da análise prototípica, análise de similitude, nuvem de palavras, figuras e tabelas. Inicialmente serão descritos os resultados dos itens das respostas referentes ao “ser mulher”, logo após serão descritos os resultados dos conteúdos coletados sobre o “ser mãe”.

3.1 DESCRIÇÃO SOBRE O “SER MULHER”, NA PERSPECTIVA DAS PARTICIPANTES

A Figura 1 apresenta a análise prototípica formada sobre a aplicação da técnica de evocação livre com a formação dos quatro quadrantes, que distribui as palavras evocadas a partir de critérios de frequência (quantidade de vezes que a palavra foi evocada) e ordem média de evocação (OME). A OME se refere ao cálculo da média da ordem em que a palavra foi evocada: 1º, 2º ou 3º lugar. No primeiro quadrante (superior esquerdo) estão os termos de maior frequência e com baixa OME. No segundo quadrante (superior direito) estão os elementos com alta frequência, mas de OME maior do que a média geral. No terceiro quadrante (inferior esquerdo) localizam-se as palavras que foram imediatamente evocadas e com baixa frequência e no quarto quadrante (inferior direito) estão as palavras de menor frequência e com maior OME, referindo-se as particularizações nos grupos (CAMARGO, 2020, p.96). Como tarefa relacionada ao teste de evocação de palavras, as participantes deveriam responder no

³ Redução das palavras com base em suas raízes (CAMARGO, JUSTO, 2013).

questionário o seguinte comando “Escreva três palavras que lhe vêm à mente quando você pensa na expressão SER MULHER”.

Dentre as respostas evocadas, observou-se que as expressões “beleza” ($f=9$; OME= 1.9), “guerreira” ($f=9$; OME= 1.8), “mãe” ($f=7$; OME= 1.4) e “coragem” ($f=6$; OME= 1.5), ocuparam o quadrante superior esquerdo. Por esse motivo, essas expressões podem ser identificadas como aquelas referentes aos elementos do núcleo central da representação social do “ser mulher”.

No quadrante superior direito ficaram posicionados os elementos “força” ($f=20$; OME= 2.1), e “amor” ($f=11$; OME= 2.4). Esses elementos alcançaram valores próximos aos dos elementos do núcleo central, no entanto podem ser compreendidos como aqueles que fazem parte da primeira periferia dos elementos periféricos das representações sociais do “ser mulher”, eis que possuem alta frequência, mas a OME é maior do que a média geral. Na segunda periferia, 3º quadrante, estão os elementos “poder”, “criatividade”, “determinação”, “inteligente”, “leveza”, “superação”, “família”, “doação”, “responsabilidade”, “especial”, “luta”, “batalhadora”, sendo imediatamente evocados, mas com a frequência abaixo OME que compõe o núcleo central, revelando o núcleo periférico.

Finalmente, no quadrante inferior esquerdo, é possível observar os elementos: “forte”, “independente”, “cuidado”, “sensibilidade”, “liberdade”, “empoderamento”, “corajosa”, “independência”, com menor frequência e nas últimas disposições. Estes podem ser identificados como os elementos de contraste ou ainda como elementos de representações individuais, devido a sua baixa frequência e alta OME.

Figura 1 – Análise prototípica da evocação livre “ser mulher”.

	OME ≤ 1.95			OME > 1.95		
	Elemento	F*	OME**	Elemento	F	OME
f ≥ 4,23	Beleza	9	1.9	Força	20	2.1
	Guerreira	9	1.8	Amor	11	2.4
	Mãe	7	1.4			
	Coragem	6	1.5			
f < 4,23	Forte	4	1	Poder	3	2
	Independente	4	1.8	Criatividade	3	2.7
	Cuidado	3	1.3	Determinação	3	3
	Sensibilidade	2	1.5	Inteligente	2	2
	Liberdade	2	1.5	Leveza	2	2.5
	Empoderamento	2	1.5	Superação	2	2
	Corajosa	2	2.1	Família	2	2.5
	Independência	2	1.5	Doação	2	2.5
				Responsabilidade	2	2
				Especial	2	2
				Luta	2	3
				Batalhadora	2	2.5

Nota: *F = frequência de evocação. **OME = Ordem Média de Evocação

Fonte: a autora (2021).

Nas palavras evocadas no teste de evocação livre - apresentadas anteriormente na análise prototípica - porém submetidas à técnica de análise de similitude, foi inserida a variável

de faixa etária, a fim de identificar as especificidades dos conteúdos evocados pelas participantes de diferentes gerações sobre o “ser mulher”. Desse modo foi possível observar as co-ocorrências entre as palavras evocadas e suas relações com cada faixa-etária. No grupo A (mulheres de 18 a 30 anos), averiguou-se que a evocação livre se organizou entorno da palavra “**força**”, sendo que a mesma coocorreu 4 vezes com a palavra “**forte**”, 5 vezes com a palavra “**guerreira**” e 2 vezes com a palavra “**cuidado**”. No Grupo B (mulheres de 31 a 50 anos), a evocação livre também se estruturou entorno da palavra “**força**”, coocorrendo 7 vezes com a palavra “**amor**”, 2 vezes com a palavra “**superação**”. Já no Grupo C (mulheres de 51 a 80 anos), verificou-se que o conteúdo das evocações livres estava organizado entorno da palavra “**mãe**”, sendo que esta coocorreu 4 vezes com a palavra “**coragem**” e 2 vezes com a palavra “**liberdade**”.

Com o intuito de compreender os elementos decorrentes da evocação livre, no item 2 do questionário solicitou-se: “*Explique em um texto de pelo menos 3 linhas, o motivo pelo qual você escolheu a primeira palavra*”. Estas 60 respostas foram estruturadas em um gráfico no formato de nuvem de palavras que foram lematizadas revelando os termos mais usados nas explicações dadas pelas participantes. A partir da análise da nuvem de palavras evocadas pelos participantes, com relação ao ser mulher, percebe-se que a palavra “**vida**” ($n=17$), “**mãe**” ($n=12$), “**forte**” ($n=11$) são as de maior destaque. A frase de uma das participantes revela o ser mãe como representação do ser mulher: “*Ser **mãe** é a maior expressão de ser mulher. A dádiva de dar continuidade à **vida***” (Participante, 25, 51 a 80 anos). Bem como na frase de outra participante, é visto novamente como algo especial o poder de gerar uma vida: “*Acho que a mulher é especial por poder gerar uma nova **vida**. A maternidade nos diferencia dos homens. Podemos fazer tudo que os homens fazem, mas eles não podem gerar uma **vida***” (Participante, 54, 51 a 80 anos). Já na percepção de uma outra participante, é mostrada a consigna do ser mulher relacionada à força: “*Porque temos uma **força** interior que ultrapassa todo entendimento; somos capazes sempre de ir mais além, mesmo quando achamos que chegamos no nosso limite! Superamos dores, tristezas... E continuamos em frente, por nós.... Por todos ao nosso redor!*” (Participante 5, 31 a 50 anos)”.

Figura 2- nuvem de palavras relacionadas



Fonte: a autora (2021).

Apesar da maternidade ou da possibilidade de gerar uma vida se constituir como um elemento saliente nas evocações sobre o ser mulher, ao perguntar para as mulheres “*Você acha que toda mulher tem o compromisso de gerar uma vida?*”, a maioria – 58 das 60 participantes – responderam que não.

No item 3 do questionário, foi solicitado que as participantes selecionassem 2 de 20 palavras que melhor representavam na sua opinião o que é **ser mulher**, tais palavras foram selecionadas aleatoriamente, criando uma lista ampla para contemplar as diversidades. Após a coleta dos dados, as repostas foram agrupadas com base na variável de faixa-etária. No grupo A (mulheres de 18 a 30 anos), a palavra selecionada com maior frequência foi “determinação” (n=7), seguida de “independência” (n=6) e “poder” (n=5). As palavras “individualidade”, “carreira”, “profissionalismo”, “fragilidade”, “submissão”, “fraqueza”, “polivalência”, “flexibilidade”, “intransigência” não foram marcadas por nenhuma das participantes. No grupo B (mulheres de 31 a 50 anos), as palavras “doação” e “sensibilidade” (n=5) foram as mais selecionadas, seguidas de “independência” e “determinação” (n=4), sendo que as palavras “carreira”, “profissionalismo”, “fragilidade”, “submissão”, “fraqueza”, “flexibilidade”, “intransigência” não foram selecionadas. No grupo C (mulheres de 51 a 80 anos), as palavras “força” e “determinação” (n=6) foram as mais selecionadas, seguidas das palavras “doação”, “maternidade” e “sensibilidade” (n=5), já as palavras “individualidade”, “beleza”, “carreira”, “submissão”, “fraqueza”, “sedução”, “intransigência” não foram selecionadas.

Somando as respostas de todas as participantes, as palavras com maior frequência de seleção foram “força” (n=26), “determinação” (n=17), “sensibilidade” (n=13) e “independência” (n=13). [O resultado geral das palavras selecionadas e dos agrupamentos por faixa-etária pode ser visualizado na Tabela 1.](#)

Visando saber se as participantes compreendem que na atualidade, as mulheres possuem os mesmos direitos que os homens, a maior parte delas responderam que discordam (n=30), 14 participantes disseram que concordam e 8 participantes disseram que discordam totalmente.....

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,27 cm

—Na questão 13, foram apresentadas 10 imagens às participantes para que selecionassem uma que para elas, representassem o que é “**ser mulher**”. No total a opção 10 foi a mais selecionada (n=25), seguida da opção 8 (n=18) e da opção 1 (n=7). No Grupo A (18 a 30 anos), a imagem mais escolhida foi a opção 8 (n=8). No grupo B (31 a 50 anos), bem como no Grupo C (51 a 80 anos) a opção 10 foi a de maior escolha (n=10) (n=8). As imagens referenciadas na opção 5 e 6 não foram selecionadas por nenhuma participante. Se faz importante observar que a opção 4, apenas não foi escolhida pelo Grupo A, tendo sido marcada pelo Grupo B (n=3) e pelo Grupo C (n=2). Já a imagem 2, só foi selecionada pelo Grupo A (n=2), não sendo marcada pelo Grupo B e Grupo C (n=2), bem como a imagem 3 só foi selecionada pelo Grupo A (n=1) e não foi selecionada pelo Grupo B e C, seguida da opção 7 e 9 que foram apenas selecionadas pelo Grupo C (n=1) e nenhuma vez selecionada pelos Grupos A e B. Novamente, revela-se que o ser mulher é objetificado na maternidade, vinculando a esse sujeito o ato de gerar uma vida, evidenciado nas três faixas etárias.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,27 cm, Espaço Depois de: 8 pt

Formatado: Espaço Depois de: 8 pt

Figura 3 - Quadro imagens que representam a MULHER.

<p>Opção 10 – escolhida 25 vezes.</p> <p>18 a 30 – 7 ocorrências 31 a 50 – 10 ocorrências 51 a 80 – 8 ocorrências</p>		<p>Opção 8 – escolhida 18 vezes.</p> <p>18 a 30 – 8 ocorrências 31 a 50 – 5 ocorrências 51 a 80 – 5 ocorrências</p>	
---	---	--	--

Opção 1 – escolhida 7 vezes. 18 a 30 – 2 ocorrências 31 a 50 – 2 ocorrências 51 a 80 – 3 ocorrências		Opção 7 – escolhida 1 vez. 18 a 30 – 0 ocorrência 31 a 50 – 0 ocorrência 51 a 80 – 1 ocorrência	
Opção 4 – escolhida 5 vezes. 18 a 30 – 0 ocorrência 31 a 50 – 3 ocorrências 51 a 80 – 2 ocorrências		Opção 9 – escolhida 1 vez. 18 a 30 – 0 ocorrência 31 a 50 – 0 ocorrência 51 a 80 – 1 ocorrência	
Opção 2 – escolhida 2 vezes. 18 a 30 – 2 ocorrências 31 a 50 – 0 ocorrência 51 a 80 – 0 ocorrência		Opção 5 – nenhuma vez escolhida	
Opção 3 – escolhida 1 vez. 18 a 30 – 1 ocorrência 31 a 50 – 0 ocorrência 51 a 80 – 0 ocorrência		Opção 6 – nenhuma vez escolhida	

Fonte: a autora (2021).

Como última pergunta do questionário referente ao SER MULHER, na questão 5, foi proposto que através de uma imagem, se definisse o conceito para as participantes de MULHER, e após pensarem na imagem, descrevessem-na. As imagens mais citadas foram: mulheres guerreiras, super-heroínas dotadas de poderes (Mulher Maravilha), flores, árvore frondosa, coração, leoa, águia e cenários da natureza.

Visando alcançar o objetivo geral desta pesquisa, averiguou-se as imagens mais citadas pelas participantes de diferentes gerações, sobre a MULHER. O arquétipo da guerreira⁴ e super-heroína, dotado de poderes foi a mais citada entre os três grupos: Grupo A (n=7), Grupo B (n=9) e Grupo C (n=4), seguida pela imagem de lugares na natureza como praia, cachoeira e campo: Grupo A (n=2), Grupo B (n=2) e Grupo C (n=2) e pela representação de uma flor: Grupo A (n=1), Grupo B (n=2) e Grupo C (n=3).

3.2 DESCRIÇÃO SOBRE O “SER MÃE”, NA PERSPECTIVA DAS PARTICIPANTES

⁴ Arquétipos são temas que estruturam fatores psíquicos, gerando imagens que só serão reconhecidas por seus efeitos, ocorrendo tanto no coletivo quanto em indivíduos de forma inconscientemente (JACOBI, 2016).

A Figura 4 apresenta a análise prototípica formada sobre a aplicação da técnica de evocação livre, na qual as participantes deveriam registrar no questionário 6 palavras a partir do seguinte comando “Escreva três palavras que lhe vêm à mente quando você pensa na expressão SER MÃE”. A partir das respostas evocadas, observou-se que a expressão “amor” ($f=36$, OME= 1.8) foi a palavra mais citada, seguida das expressões “doação” ($f=28$, OME=1.8), cuidado ($f=13$, OME=1.6) e responsabilidade ($f=10$, OME=1.8), conforme mostra o primeiro quadrante (superior esquerdo), vindo a revelar que esses são os termos centrais evocados pelas participantes, formando os elementos que compõe o núcleo central do SER MÃE.

Figura 4 – Análise de similitude da evocação livre “ser mãe”.

		OME ≤ 1.89		OME > 1.89			
		Elemento	F*	OME**	Elemento	F	OME
f ≥ 9.54	Amor		36	1.8			
	Doação		28	1.8			
	Cuidado		13	1.6			
	Responsabilidade		10	1.8			
f < 9.54	Amor_incondicional		6	1.7	Força	8	1.9
	Guerreira		2	1	Carinho	8	2
					Proteção	4	3
					Coragem	3	3
					Batalhadora	2	2
					Afeto	2	2
					Segurança	3	3

Nota: *F = frequência de evocação. **OME = Ordem Média de Evocação

Fonte: a autora (2021).

No segundo quadrante (superior direito), primeira periferia, não foram detectados elementos de evocação, pois não tiveram palavras com ordem média maior que 1.89 e de frequência maior que 9.54 - corte utilizado pelo software Iramuteq para a organização dos quadrantes. No 3º quadrante da 2ª periferia (inferior direito), estão os termos que formam os elementos periféricos: “força”, “carinho”, “proteção”, “coragem”, “batalhadora”, “afeto”, “segurança”, sendo imediatamente evocados, mas com a frequência abaixo da média. No 4º quadrante (inferior esquerdo), é possível observar os elementos: “amor incondicional” e “guerreira”, com menor frequência e nas últimas disposições. Estes podem ser identificados como os elementos de contraste ou ainda como elementos de representações individuais, devido a sua baixa frequência e alta OME.

Nas respostas de evocação livre apresentadas anteriormente na análise prototípica, porém submetidas à técnica de análise de similitude, foi inserida a variável de faixa etária, a fim de identificar as especificidades dos conteúdos evocados pelas participantes de diferentes gerações sobre o “ser mãe”. Desse modo foi possível observar as co-ocorrências entre as palavras evocadas e suas relações com cada faixa-etária. No grupo A (mulheres de 18 a 30 anos), que o gráfico da similitude se estruturou entorno da palavra “amor”, sendo que a mesma coocorreu 2 vezes com a palavra “afeto”, 2 vezes com a palavra “batalhadora” e 2 vezes com a palavra “coragem”. No Grupo B (mulheres de 31 a 50 anos), a evocação livre também se organizou entorno da palavra “amor”, coocorrendo 14 vezes com a palavra “doação”, 4 vezes com a palavra “força”. Assim como no Grupo C (mulheres de 51 a 80 anos), verificou-se que o conteúdo das evocações livres também estava organizado entorno da palavra “amor”, sendo que esta coocorreu 4 vezes com a palavra “carinho”.

Com o intuito de compreender o significado dos elementos decorrentes da evocação livre escolhida anteriormente, na questão 7 solicitou-se às participantes: “*Explique em um texto de pelo menos 3 linhas, o motivo pelo qual você escolheu a primeira palavra*”. Estas 60 respostas foram estruturadas em um gráfico no formato de nuvem de palavras que foram lematizadas revelando os termos mais usados nas explicações dadas pelas participantes. A partir da análise da nuvem de palavras evocadas pelos participantes, com relação ao ser mãe, percebe-se que a palavra “filho” (n=32), “amor” (n=30), “vida” (n=13) e “doar” (n=13) são as de maior destaque. Para aludir ao gráfico formado, foi escolhida a frase de uma das participantes que exalta o amor na relação da maternidade: “*Um **filho** é a maior experiência de **amor** que podemos experimentar. Um **amor** incondicional. Você ama, cuida, protege. Faz tudo para que os filhos sejam felizes. Um **amor** que você daria sua **vida** para defender a deles.*” (Participante 54, 51 a 80 anos). A colocação de uma outra participante, relata sua desaprovação em ser mãe, por se tratar de uma escolha que gerará uma grande responsabilidade: “*Por motivos pessoais eu tenho uma pequena aversão ao ser mãe, acredito que é muita responsabilidade ter uma pessoa que depende de você de forma integral*” (Participante 8, 18 a 30 anos). Essa participante fala sobre a eterna doação quando se escolhe pela maternidade: “*Ao se tornar mãe, a mulher se **doa** totalmente ao **filho**. **Doa** seu corpo, seus pensamentos, sua liberdade e individualidade, mesmo que sem querer, ao ser que gerou. E continua a fazê-lo mesmo quando a criança cresce, sempre se preocupando e deixando de fazer para si em prol do **filho***” (Participante 24, 31 a 50 anos).

Figura 5 - nuvem de palavras relacionadas



Fonte: a autora (2021).

Visando identificar a relevância da maternidade para as mulheres em relação a carreira profissional, foi questionando o que seria mais relevante para as participantes do estudo:

- a) Dedicar-se a carreira profissional e abdicar-se de ser mãe.
- b) Ser mãe e abdicar da carreira profissional.
- c) Ser mãe e dedicar-se a carreira profissional.

A maioria das participantes (n=52) indicou a alternativa “c”, 4 mulheres marcaram a alternativa “a” e 3 participantes selecionaram a alternativa “b”, gerando uma reflexão sobre as mulheres contemporâneas, participantes desta pesquisa, que em sua maior parte, desejam vivenciar a experiência da maternidade.

Também como atividade da pesquisa, solicitou-se, na questão 8, que as participantes selecionassem 2 palavras que melhor caracterizavam para elas o que é SER MÃE, dentre 31 opções apresentadas, sendo palavras selecionadas aleatoriamente, criando uma lista ampla para contemplar as diversidades. No grupo A (mulheres de 18 a 30 anos), a palavra marcada com maior frequência foi “responsabilidade” (n=9), seguida de “doação” (n=5) e “cuidado”, “afeto”, “cansaço” (n=4). As palavras “beleza”, “direito”, “ansiosa”, “assertiva”, “desequilibrada”, “disciplinadora”, “dramática”, “empática”, “equilibrada”, “exausta”, “exigente”, “faz tudo”, “harmônica”, “plenitude”, “prática”, “sofrimento”, “sublime”, “superprotetora” e “tóxica” não foram marcadas por nenhuma das participantes. No grupo B (mulheres de 31 a 50 anos), as palavras “responsabilidade” e “doação” (n=10) foram as mais selecionadas, seguidas de “afeto” (n=5) e “plenitude” (n=4), sendo as palavras “dificuldade”, “direito”, “ansiosa”, “assertiva”, “cansaço”, “carinhosa”, “desequilibrada”, “disciplinadora”, “dramática”, “equilibrada”, “exausta”, “exigente”, “forte”, “harmônica”, “paciente”, “prática”, “sofrimento”, “sublime”, “tóxica” não marcadas. No grupo C (mulheres de 51 a 80 anos), a palavra “responsabilidade” (n=10) foi a mais marcada, seguidas das palavras “doação” (n=7), “cuidado” (n=6) e “afeto”

(n=5), já as palavras “dificuldade”, “beleza”, “direito”, “amável”, “ansiosa”, “cansaço”, “desequilibrada”, “disciplinadora”, “dramática”, “empática”, “equilibrada”, “exausta”, “exigente”, “harmônica”, “onipresente”, “paciente”, “plenitude”, “prática”, “sofrimento” e “tóxica” não foram selecionadas. Somando as respostas de todas as participantes, a palavra com maior marcação foi “responsabilidade” (n=29), seguida de “doação” (n=22), “afeto” (n=14) e “cuidado” (n=11).

Como última questão na sessão sobre o SER MÃE (questão 10), foi solicitado que através de uma imagem, se definisse o conceito para as participantes sobre MÃE, e após pensarem na imagem, descrevessem-na. As imagens mais citadas foram: guerreira, super-heróina, dotada de superpoderes (Mulher Elástico), abraço, Anjos, Mãe Maria, coração, polvo, leoa/leão, oceano, universo, galinha choca com asas grandes acolhendo os seus pintinhos.

Visando alcançar o objetivo geral desta pesquisa, averiguou-se as imagens mais citadas pelas participantes nas diferentes gerações, sobre MÃE entre as faixas etárias. O arquétipo da guerreira e super-heróina, dotado de poderes foi a mais citada entre os três grupos: Grupo A (n=7), Grupo B (n=2) e Grupo C (n=1), seguida pela imagem de Mãe Maria: Grupo A (n=1), Grupo B (n=2) e Grupo C (n=3), pela representação de uma leoa/leão: Grupo A (n=2), Grupo B (n=2) e Grupo C (n=1) e pela imagem de um coração citado apenas pelos Grupos B (n=2) e Grupo C (n=3).

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O primeiro ponto a ser considerado na discussão desta pesquisa refere-se ao resultado da caracterização sociodemográfica das participantes. Destaca-se que os resultados indicaram que a maior parte das respondentes são residentes nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com nível de ensino superior completo, de religião católica, atuantes no mercado de trabalho, com remuneração acima de cinco salários-mínimos e orientação sexual heterossexual. Logo, percebe-se que o padrão de renda e de formação acadêmica das participantes não reflete àquele encontrado na maioria das mulheres brasileiras. Sabe-se que a renda per capita do Brasil, conforme pesquisa do IBGE (2020), é de R\$ 1.380,00, bem como pelos dados coletados no ano de 2019 (IBGE, 2019) constata-se que no Brasil, mais da metade (51,2% ou 69,5 milhões) dos adultos não concluíram o ensino médio, sendo que entre as mulheres, a evasão escolar é gerada principalmente pela gravidez (23,8%) e afazeres domésticos (11,5%). Concluiu-se que esse

padrão sociodemográfico das participantes, pode ter decorrido pelo fato da pesquisa ter sido realizada de forma online, bem como serem pessoas da rede de contato da pesquisadora.

4.1 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO “SER MULHER”

As representações sociais (RS) conduzem a conduta e a prática dos sujeitos em seus grupos, dando o contorno ao comportamento estabelecido. Sendo elas reveladas em um determinado grupo, pode-se prever os elementos atitudinais deste. Os resultados dessa pesquisa, mostram que o núcleo central do “ser mulher” está mais relacionado ao elemento guerreira, pois este foi identificado como o mais frequente. O que sugere, que para as participantes dessa pesquisa, mulheres da classe média do sul do Brasil, a representação social do “ser mulher” está objetificada na imagem da guerreira, dotada de superpoderes, que precisa dar conta de todas as suas atribuições e ainda, ser amorosa e bela, como fica explícito na fala de uma das participantes: *“A mulher por si só já ‘carrega’ a força consigo desde o início, as atribuições da vida diária muitas vezes diferente da rotina do ser masculino, nos torna seres fortes todos os dias, além dos sentimentos e pensamentos variados que temos e oscilam durante o dia inteiro... e no final do dia conseguimos ‘entregar a nossa meta diária’, ou a maior parte dela”*. (Participante 27, 18 a 30 anos)

Como resultado dessas concepções, pode-se observar que os elementos das representações sociais evocadas pelas participantes, demonstram relações com imagens que indicam as expectativas atribuídas às mulheres contemporâneas. Isto posto, faz-se necessário analisar a linha do tempo do ser mulher em que Ariès (1986) bem recorda que foi no século XIV que a mulher passa a perder os seus direitos mediante a ausência de seu cônjuge, e no século XVI se torna submissa e incapaz em seu casamento, coincidindo com o final da Idade Média, em que a criança retorna a ser cuidada pelos seus pais, concebendo a família do século XVII os cuidados com a educação, profissão e futuro da mesma (ARIÈS, 1986). O conceito de família se modifica, o que antes era construído mediante a moral e social, passa a ser vivenciado também, com a relação de afeto entre pais e filhos (ARIÈS, 1986), em que a mulher assume novamente o planejamento e cuidados do lar e dos filhos. No surgimento da Revolução Industrial entre os séculos XVIII e XIX é requerido que o sujeito mulher se apresente também, no trabalho fabril, o que marca o início da jornada dupla de trabalho para esse sujeito, mediante sua família e sociedade.

Na contemporaneidade, a mídia regida pelo sistema capitalista com sua máxima de gerar a necessidade de consumo, dissemina uma construção da imagem do ser mulher pautada na conquista dos corpos perfeitos, reduzindo-a como um objeto de desejo, um corpo a ser olhado, um objeto a ser usado (ZORZAN; CHAGAS, 2011). A pesquisa realizada por Castro (2016), revela que no ano de 2014, mais de 20 milhões de procedimentos estéticos foram realizados no mundo, sendo que as mulheres realizaram 86,3% destes procedimentos, porém, no resultado da presente pesquisa não é ressaltado pelas participantes, de classe média do sul do Brasil, a representação social do ser mulher quanto beleza. E quando esse termo é referido, traz a conotação de algo natural da mulher, como revela a fala da participante a seguir: “*A mulher em si já carrega a beleza, sendo esta natural e parte do ser mulher, desde o nascimento e em tudo o que a mulher realiza*” (Participante 2, 31 a 50 anos). No entanto, essa fala não condiz com a realidade das mulheres de classe média do Brasil, que são as que mais consomem os produtos do mercado da estética no país (MEDEIROS, 2004)

Boris et al. (2007) ressaltam que mesmo na contemporaneidade, permanece em alguns grupos mais conservadores o pensamento corrente que associa a mulher a ideia de fragilidade, de um sujeito que precisa de proteção, cabendo a mulher a tarefa de procriar e cuidar do lar. Mas, nessa pesquisa, as participantes assumem uma posição contrária a este tipo de opinião. Com base na TRS, a identidade dos indivíduos é formada pelo grupo que estabelece dinâmicas, as quais serão compartilhadas, vivenciadas e reproduzidas. Sabendo que o núcleo central do ser mulher se organizou entorno do elemento “guerreira”, ancorado no termo “força”, pode-se inferir que para as participantes desse estudo, ser mulher pode estar associado ao processo de idealização, definido por Emílio, 2008, p. 60 “as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição”.

A idealização é um mecanismo de defesa do ego, definido pela Psicanálise, como uma operação da personalidade, a qual permite a mente construir uma solução para os conflitos e frustrações não explícitos ao nível da consciência (SILVA, 2011). No contexto dessa pesquisa, percebe-se que a idealização realizada pelas mulheres cumpre o papel de satisfazer o desejo de uma sociedade que parece não dar a esse sujeito o direito de mostrar cansaço ou demonstrar suas fraquezas. A fala de uma das participantes denota essa ideia “*Porque temos uma força interior que ultrapassa todo entendimento; somos capazes sempre de ir mais além, mesmo quando achamos que chegamos no nosso limite! Superamos dores, tristezas... E continuamos em frente, por nós... por todos ao nosso redor!*” (Participante 5, 31 a 50 anos).

Na sociedade atual os altos índices de transtornos mentais no sujeito mulher, pode estar relacionado a esse processo de idealização como mostra a pesquisa de Araújo *et al.* (2005), na qual constata que a mulher permanece a principal responsável pela execução das tarefas do lar, mesmo ela trabalhando fora de casa, que em sua maioria, não conta com o auxílio dos outros integrantes da família, resultando em uma sobrecarga, que repercute negativamente na saúde mental desses sujeitos. Diante do exposto, parece que o sujeito mulher, objetificada na guerreira, esconde a submissão perante as exigências de uma sociedade capitalista e patriarcal, que vela a exclusão, pois já que esse sujeito é dotado de superpoderes, o ambiente e a sociedade não precisam ser modificados, porque ela dará conta de tudo e de todos.

4.2 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO “SER MÃE”

Referente à representação social do “ser mãe”, o núcleo central resultante dos dados coletados na presente pesquisa, é o elemento amor, seguido dos elementos doação, cuidado e responsabilidade. Como elementos periféricos, que quando se transformam, poderão modificar o núcleo central, estão os termos força, carinho, proteção, coragem, batalhadora, afeto e segurança. O objeto “mãe” é representado a partir da ancoragem na dimensão afetiva, como uma construção social de que o sujeito mãe precisa ser amoroso para as mulheres participantes do estudo. Isso fica exemplificado na descrição de uma das participantes: *“Um filho é a maior experiência de amor que podemos experimentar. Um amor incondicional. Você ama, cuida, protege. Faz tudo para que os filhos sejam felizes. Um amor que você daria sua vida para defender a deles”* (Participante 54, 51 a 80 anos).

O fato da representação social do “ser mãe” estar ancorada no doar-se ao outro e no amor, tendo esse como núcleo central (dado apresentado na Figura 6), afere o que a autora Badinter (1985), em sua obra “Um amor conquistado, o mito do amor materno” traz quando questiona exatamente essa imagem, “que toda mãe não tem uma pulsão irresistível a se ocupar do filho” (BADINTER, 1985, p.11), questionando a consigna sobre o sujeito mulher, que ao se tornar mãe, precisa amar seu filho e abdicar-se de si para que o outro possa vir a ser, gerando uma estereotipação⁵ a esse sujeito.

A maioria das participantes dessa pesquisa (58 das 60 participantes) responderam que a mulher não tem o compromisso de gerar uma vida. Porém a pesquisa revelou que, a grande

⁵ Estereótipo refere-se a elementos intrínsecos de uma sociedade, intencionalmente compartilhados pelos sujeitos que pertencem a mesma cultura (REIS, MAIA, 2009).

maioria das participantes, escolhem desenvolver uma carreira profissional e também ser mãe, sendo que das 60 participantes, 32 possuem filhos. Essa constatação, pode revelar uma zona muda entre esses sujeitos, que se trata das representações sociais que não são verbalizadas, mediante um contexto grupal “porque o indivíduo ou grupo não pretende fazer menção a determinados conteúdos pública ou explicitamente do que é” (ABRIC, 2005 apud CASTRO et al., 2018, p. 60). Na pesquisa de Patias e Buaes (2012), indicou que a opção pela não-maternidade pode estar relacionada a escolha de relações mais fluidas, com liberdade e possibilidades de participação em outras perspectivas sociais. Perante essa possível zona muda entre esses sujeitos, faz-se necessário refletir que a mulher deseja ter a escolha de ser mãe. E que essa escolha, não deveria estar condicionada por pressões sociais que consideram a maternidade um fenômeno supostamente natural e universal. Conforme Lopes e De Carvalho (2017) concluem em seu artigo, a maternidade deixou de ser um destino, ao ponto que se tornar mãe não mais é a única forma de reconhecimento social para a existência de uma mulher, e sim manifestação de um desejo subjetivo para a sua realização individual.

Mediante a resposta das participantes da presente pesquisa (36 das 60 participantes), referindo que na sociedade atual as mulheres não possuem os mesmos direitos que os homens, também é possível revelar que a escolha pela não maternidade na contemporaneidade, como aponta Patias e Buaes (2012), pode estar vinculada a essa imagem da super-heróina, que precisa se beatificar e dedicar-se exclusivamente ao cuidado do outro, sem poder compartilhar as demandas da maternagem com outros de seu núcleo familiar e social.

A imagem do “ser mãe” estar vinculada a santidade, bem como àquela possuidora de poderes sobrenaturais, pode ser entendido como uma memória social. Na linha do tempo, como relata Beauvoir (1949/2009a), os povos primitivos, identificavam a mulher como um ser dotado de dádivas divinas por ser aquela que concebe a vida na terra. Esse enredo foi se modificando no curso da história. Entre os séculos XVI e XVIII no ocidente, as mães não realizavam a maternagem, que era delegada as ama-de-leite (ARIÉS, 1986), o que gerou um alto índice de mortalidade infantil. Então a partir do século XVIII, a imagem da mulher/mãe imaculada e cuidadora do lar e dos seus, retorna mediante um novo cenário e uma nova roupagem, que juntamente com a Revolução Industrial, a partir do século XX, estimula a mulher a realizar tanto o exercício da maternidade quanto participar dos trabalhos do lar e sociais, voltando novamente a esse sujeito a imagem daquela que se doa em prol de um outro, seja ele um filho, um esposo, um sistema.

4.3 COMPARAÇÃO DOS ELEMENTOS DAS RS DO “SER MULHER” E “SER MÃE” DE MULHERES DE DIFERENTES GERAÇÕES

A pesquisa também objetivou comparar as respostas das mulheres contemporâneas, entre as faixas etárias, a fim de averiguar se existem divergências nas representações sociais desses grupos. Os resultados indicaram semelhanças nas respostas referente ao “ser mulher” e “ser mãe”, nos três grupos envolvidos na pesquisa. Entendendo que as representações sociais das participantes desta pesquisa, tratando-se de mulheres de classe média do sul do Brasil de diferentes gerações, estão organizadas entorno de elementos semelhantes, a caracterização dessas representações se classificam como hegemônicas, as quais denotam os conhecimentos amplamente associados, sendo arbitrários e imperiosos, e sugere-se também como representações emancipadas, que manifestam a cooperação entre os sujeitos de um determinado grupo pela ancoragem da memória compartilhada (RANGEL BATISTA; BONOMO, 2016). Não é difícil reconhecer que as representações compartilhadas pelas participantes deste estudo, na medida em que representam o “ser mulher” como guerreira e o “ser mãe” como amor/doação, possuem correspondência com imagens do “ser mulher” e “ser mãe”, amplamente veiculadas nos meios de comunicação de massa.

Faz-se necessário pontuar que, conforme Figura 2, o Grupo C, da faixa etária das mulheres entre 51 a 80 anos, organizou-se entorno da palavra “mãe”, diferenciando dos Grupos A e B que se organizaram entorno da palavra “força”, podendo aferir que o projeto de vida dessas mulheres, em seu percurso na linha do tempo, era voltado a maternidade, bem como demonstrado no corpo de texto da pesquisa.

Tais constatações, revelam a esfera em um nível da transsubjetividade, explicada por Jodelet (2015), que são os elementos reguladores das concepções idealizadoras e culturais, norteadores das atuações em comum, no âmbito grupal, que possui uma condição social ou material igual, adequando-se ao modo de imposição. O conceito das esferas transsubjetivas designa a cognição social que ultrapassa a consciência individual ou grupal, reconhecendo-se enquanto espécie, criando um modelo de ideal do ser mulher.

A presente pesquisa profere que, o que é dito pelo sujeito mulher contemporâneo não coincide com o que era dito sobre ela, diante dos fatos revelados na análise da linha do tempo apresentada nesta pesquisa. A imagem compartilhada entre esses sujeitos não denota ao ser como era disseminado em dissimulado, sedutor ou submisso e incapaz. Pensando que para as RS, os sujeitos “pensam de forma ativa, ao mesmo tempo que são influenciados pela dimensão

Comentado [MRDN1]: A RS de SER MULHER organizou-se entorno...

social, no esforço de transformar o mundo em um ambiente familiar” (SILVEIRA, 2019, p.32), pode-se dizer da necessidade de escutar o que as mulheres pensam sobre si mesmas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou analisar as representações sociais do “ser mulher” e do “ser mãe” para mulheres contemporâneas, de diferentes gerações. Revelando como núcleo central do “ser mulher” o termo guerreira, sugere-se que esse sujeito, como mecanismo de defesa do ego, idealiza esse estereótipo, diante de uma sociedade que não permite a demonstração da vulnerabilidade da mulher.

Já o núcleo central do “ser mãe” se organizou no termo amor, revelando como ancoragem o doar-se ao outro incondicionalmente. Entretanto, fica evidente que as participantes dessa pesquisa, não desejam abdicar de si na maternidade, preferindo apropriar-se da escolha de vivenciar ou não a experiência de ser mãe na contemporaneidade.

Como objetivo específico, comparando-se os elementos das RS das mulheres de diferentes gerações sobre o “ser mulher” e o “ser mãe”, entendeu-se que as RS das participantes desta pesquisa, de diferentes faixas etárias, estão organizadas entorno de elementos semelhantes, revelando elementos de transsubjetividade entre o grupo social analisado. Isso sugere que o grupo de mulheres analisado nessa pesquisa, reconhece-se para além da consciência individual, a partir da manutenção de representações e práticas estabelecidas a partir da cultura.

Com a coleta e análise de dados, observou-se que essa pesquisa trouxe um recorte sociodemográfico, apresentando os elementos de representações sociais sobre o “ser mulher” e o “ser mãe” para mulheres de classe média do sul do Brasil. A criação de outras estratégias que possam contemplar mulheres de outros níveis socioeconômicos e de diversos níveis de formação acadêmica e profissional, poderá possibilitar um diferente resultado do encontrado nessa pesquisa, que traz a vivência de mulheres da mesma classe social que se assemelham.

Para os próximos estudos sobre essa temática, recomenda-se que seja realizada uma pesquisa com outras estratégias de coletas de dados, tais como entrevistas presenciais, aplicação de questionário impresso, visando ter mais controle da amostra, tendo em vista que a utilizada nessa pesquisa se restringiu a forma de questionário online em função da pandemia do COVID-19. Destaca-se a importância que os estudos baseados na TRS, possam utilizar o maior número de fontes de informação possível e técnicas de análise de dados que possibilitem acessar o

universo subjetivo das RS. O uso de diferentes técnicas enriquece as análises, possibilitando a comparação dos elementos coletados, de modo a buscar a validação dos dados coletados, gerando análises mais assertivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; ALMEIDA, M. M. G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil** [online], Recife, v. 5, n. 3, p. 337-348, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1519-38292005000300010>>. Epub 18 Nov 2005. ISSN 1806-9304. Acesso em 30 out. 2021.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa** [online], Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>>. Acesso em 15 de mai. 2021.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949/2009a.

BORIS, G. D. J. B.; DE HOLANDA C. M. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza: v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Acesso em 19 nov. 2021.

BRASIL. Lei. 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 30 set. 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9504.htm>. Acesso em 30 jun. 2021.

BRASIL. Lei. 11.340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 07 ago. 2006. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.html>. Acesso em 30 jun. 2021.

BRASIL. Lei. 13.104, de 09 de março de 2015. Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. **Diário oficial da União**, Brasília, DF, 09 mar. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm>. Acesso em 30 jun. 2021.

CAMARGO, V. B. **Métodos e Procedimentos de pesquisa em ciências humanas e psicológicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. Iramuteq: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751532016.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2021.

CASTRO, A.; GIACOMOZZI, A.; CAMARGO, B. Representações Sociais, zona muda e práticas sociais femininas sobre envelhecimento e rejuvenescimento. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 58-77, 2018.

CASTRO, A. *et al.* Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 319-330, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-53712016000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 nov. 2021.

DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. Foucault: do Poder Disciplinar ao Biopoder. **Scientia**, v. 2, p. 1-217, 2014. Disponível em: <<https://www.facamp.com.br/pesquisa/economia/npegen/mulheres-no-mercado-de-trabalho-no-1o-trimestre-de-2020/>>. Acesso em 14 mai. 2021.

DUTRA, M. P.; NUNES, T. G. Marcha das vadias como redes de movimentos e significados. **Prolegômenos** [online], Bogotá, vol.18, n.36, pp.153-168, 2015. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0121-182x2015000200010&lang=pt>. Acesso em 30 mai. 2021.

EMÍLIO, S. A. **Grupos e inclusão escolar: sobre laços, amarras e nós**. São Paulo: Paulus, 2008.

GRADVOHL, S. M. O. *et al.* Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 jun. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (**PNAD**). IBGE divulga rendimento domiciliar per capita 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30129-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-2020>. Acesso em 17 nov. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (**PNAD**). PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em 17 nov. 2021.

JODELET, D. Problemáticas Psicossociais da abordagem da noção de sujeito. **Cadernos de pesquisa** [online], São Paulo, v. 45, n. 156, p. 314-327, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143203>>. Acesso em 10 abr. 2021.

JUSTO, A. M. **Representação social**. Rio do Sul: UNIDAVI – PROEPEX, 2012.

LOPES, A. R. S.; DE CARVALHO, A. S. Tornar-se Mãe: considerações acerca do lugar da maternidade na contemporaneidade. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 14, n. 2, p. 146-170, 2017. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1134> >. Acesso em 20 nov. 2021.

MACÊDO, G. S.; MACEDO, K. B. As Relações de gênero no contexto organizacional: o discurso de homens e mulheres. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 4, n. 1, p. 61-90, 2004.

MEDEIROS, M. S. Falsas imagens, percepções e significados do corpo nas classes populares. **Sociedade e Estado** [online]. 2004, v. 19, n. 2, pp. 409-439. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922004000200011>>. Acesso em 09 dez. 2021.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, (1961/2012a).

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade** [online], Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>>. Acesso 21 abr. 2021.

OLIVEIRA, J. C.; BERTONI, L. M. Memória Coletiva e Teoria das Representações Sociais: confluências teórico-conceituais. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 244-262, 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202019000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2021.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2012, v. 24, n. 2, pp. 300-306. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200007>>. Acessado em 20 nov. 2021.

PEREIRA, A. S. *et al.* **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria, UFSM/NTE, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-

Pesquisa-Científica.pdf?sequence=1.%20Acesso%20em:%2028%20mar%C3%A7o%202020>. Acesso em 20 mai. 2021.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, M. **Os excluídos da história: mulheres, operários e prisioneiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política** [online], Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Acesso 19 abr. 2021.

PRAÇA, F. S. G. Metodologia da Pesquisa Científica: Organização Estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Diálogos Acadêmicos**, São Paulo, v. 08, p. 72-87, 2015. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf>. Acesso em 01 jun. 2021.

RANGEL BATISTA, R.; BONOMO, M. Representações e metarrepresentações sociais de imigrantes brasileiros na Europa. **Liber.**, Lima, v. 22, n. 1, p. 91-102, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272016000100008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 30 mai. 2021.

RESENDE, D. K. As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. **Revista Três Pontos**, Minas Gerais, v. 14, n. 1, p. 52-59, 2017.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, P. A. *et al.* **Metodologia da Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2015.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface Comunicação, Saúde, Educação** [online], Araraquara, v.5, n. 8, p. 47-59, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>>. Acesso 01 mai. 2021.

SILVA, E. B. T. Mecanismos de defesa do Ego. **Psicologia. Pt**: Divinópolis, 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0212>. Acesso em 19 nov. 2021.

SILVEIRA, A. **Representações sociais do corpo, bem-estar psicológico e social e práticas de cuidado corporal adotadas por idosos**. Tese (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/214985/PPSI0840-D.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 mar. 2021.

STREY, M. N. *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

The jamovi project. jamovi. (Version 1.2) [Computer Software], 2020. Disponível em <https://www.jamovi.org>. Acesso em 30 jun. 2021.

TONELI, M. J. F. Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 16, n. 1, p. 151-160, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000100013>>. Acesso 05 mai. 2021.

VIERIA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. **D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online], Brasília, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>>. Acesso 21 mai. 2021.

ZORZAN, F. S.; CHAGAS, A. T. S. Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 161-187, 2011.